

O ADULTO MADURO, SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO

Denise Martinez Souza¹

¹Psicanalista, membro titular do CEPdePA. Coordenadora do Curso de Formação em Psicanálise Percurso / Manaus. Diretora Docente do GGAPP- Grupo Grativa Atlantic de Psicoterapia Psicanalítica. Coordenador e orientador do Curso de Especialização em Psicoterapia de Adultos Maduros Instituto Cyro Martins. Autor do livro “O adulto maduro no sofá. Extensões teórico-técnicas”. denisemtsouza@gmail.com

Pensar sobre a sexualidade no ciclo vital, oferece a oportunidade de partilhar ideias que vem sendo construídas a aproximadamente trinta anos, a partir da clínica com adultos maduros. Foi quando nos defrontamos com a parca literatura existente e com a persistência em tratar os pacientes senescentes, com os mesmo pressupostos que Freud criara para os adultos jovens e que excluía os pacientes mais velhos da sala de análise. Tivemos que repensar a teoria e a técnica clássica para atender a demanda de tratamento desses envelhescentes que cada vez mais chegavam aos consultórios. Pudemos ver o quão pouco a psicanálise se instrumentara para atender os longevos que hígidos e lúcidos, viviam os conflitos e as dores decorrentes da crise de ajustamento ao envelhecimento, que desejavam enfrentar seus conflitos, repensar a vida e sua sexualidade, preparando-se para enfrentar de forma mais efetiva a transitoriedade e a finitude com saúde.

Não podemos deixar de considerar o envelhecimento, após a meia idade, como uma vivência traumática cuja intensidade variável, está diretamente ligada as experiências libidinais pretéritas, a maior ou menor plasticidade e capacidade defensiva, o maior êxito ou fracasso ao enfrentar crises vitais nas fases predecessoras.

Relembrando!

Foi ao findar o século XIX e no alvorecer do século XX que Freud apresenta, a uma Viena preconceituosa, suas ideias sobre a sexualidade, nomeando-a como o marco fundante da psicanálise. Seus desenvolvimentos teóricos que aparecem já na etiologia da histeria, culminam com a publicação de “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade” A sociedade escandalizada teve de se defrontar com a existência da sexualidade infantil.

Freud (1916) ironicamente adverte:

“Supor que as crianças não têm vida sexual – excitações e necessidades sexuais e alguma forma de satisfação –, mas adquirem-na subitamente, entre os doze e os quatorze anos de idade, seria [] na verdade, tão sem sentido, como supor que viessem ao mundo desprovidas de genitais e que estes só aparecessem na época da puberdade.” (FREUD, 1916, p.364)

Desde lá muito avançamos. As ideias de Freud, em sua grande parte, puderam ter aceitação e foram assimiladas na cultura. As mulheres se emanciparam e são reconhecidas como seres desejantes, a pílula anti-concepcional sancionou o prazer sexual sem o temor de uma gravidez indesejada, obteve-se a cura para muitas das doenças sexualmente transmissíveis, os homossexuais obtiveram direitos que eram prerrogativa dos heterossexuais e os transgêneros confirmam a tese de que a anatomia não é e nunca foi o destino da sexualidade humana.

Entretanto, ainda encontramos reações escandalizadas da sociedade quando são confrontados com a presença da sexualidade dos adultos maduros e idosos. O preconceito e a rejeição aumentam em proporção geométrica à medida que a idade avança.

Talvez, devêssemos supor que os idosos não tem vida sexual, nem excitações ou necessidades sexuais, nem buscariam alguma forma de satisfação a partir dos 50/60 anos, pois os genitais estariam totalmente desprovidos de sensibilidade e o psiquismo, sem desejo e nenhum resquício de fantasia.

Parece que a história libidinal se reedita, pois como os adolescente que ao ingressarem na genitalidade adulta negam a sexualidade dos pais, o universo dos adultos parece repetir em ato a mesma negação da sexualidade de seus pais envelhescentes.

Todavia não é somente essa a história que se repete.

Freud, estudioso da teoria evolucionista, reconheceu que a espécie humana se diferenciou dos demais mamíferos, também por sua sexualidade. Quando o ato sexual se emancipou do instinto, rompeu a submissão biológica entre sexualidade e reprodução. Nessa disjunção, a distância entre ambos se tornou a marca da originalidade humana. Uma conquista que remonta no mínimo a 100 mil anos na história da hominização.

“A descoberta freudiana fundamental que é a sexualidade infantil vem, de certa forma completar o que a pré-história inaugurou em tempos remotos”, comenta Serge André (p.116).

Com Freud a sexualidade instintual passa a ser pulsional e conservará do instinto a sua a força (drung), contudo, torna-a mais versátil sendo capaz de obter satisfação de objetos variáveis, bem como subverter sua finalidade ou meta (ziel).

A sexualidade infantil com seu polimorfismo passará a ser o centro da sexualidade humana.

De acordo com Freud (1916a), entretanto, chegaria o momento em que ‘haveria a unificação dos diversos objetos das pulsões separadas e sua substituição por um único objeto’. Postulava aí a existência de uma primado genital. E comentaria: “O ponto crítico desse desenvolvimento é a subordinação de todos os instintos parciais a primazia dos genitais e, com isso, a sujeição da sexualidade a função reprodutiva (FREUD, 1916 a, p.383).”

Definirá a sexualidade adulta como resultado de uma evolução necessária para a genitalidade, sendo que o desenvolvimento da pulsão sexual passaria do ‘autoerotismo ao amor objetual, e da autonomia das zonas erógenas à subordinação destas à primazia dos genitais, posto a serviço da reprodução’ (Freud, 1908, p.194)

É evidente a ambiguidade que se expressa nesses constructos freudianos. Ele avança ao descobrir a sexualidade infantil, mas retrocede ao propor o primado genital, circunscrevendo parte dos seus achados a uma normatividade.

Falei anteriormente dos avanços com respeito a sexualidade, todavia, a sociedade segue negando a sexualidade dos mais velhos e aos mais velhos. Nesse sentido, faz um retorno a pré-histórica da humanidade quando o sexo e a reprodução estavam biologicamente ligados e determinados.

Constatamos, que ainda hoje existe uma ligação fantasiosa entre fim do período reprodutivo e a ideia de ocaso da sexualidade esgueirando-se no imaginário humano. Escutamos fantasias em que o envelhecimento se faz acompanhar de uma castração química pela diminuição hormonal, algo semelhante a uma mutação psíquica ocorreria tendo como consequência uma atrofia do desejo e da vida fantasmática. Nessa concepção equivocada, no processo do envelhecimento, a anatomia voltaria a ser o destino. Com a diminuição hormonal, com a diminuição da potência sexual, com o fim da capacidade procriativa, a sexualidade do adulto maduro se extinguiria. Caso o desejo sexual persista poderia ser entendido como uma lubricidade patológica e/ou perversa.

Lembremos o que Freud (1923) nos diz:

“Foi preciso ampliar o conceito de sexualidade para que ele abarcasse mais do que a tendência a união dos dois sexos no ato sexual ou a geração de determinadas sensações de prazer nos genitais.” (p.287)

Exatamente por acreditarmos que a sexualidade não termina na fase genital, que a excitação e a busca de prazer persiste no psiquismo, criamos em 1994 os conceitos de Fase Pós- Genital e Retorno ao Polimorfismo para poder compreender a sexualidade dos adultos maduros.

Entendemos que a primazia do genital que subordinava todas as pulsões parciais a genitalidade, que obteve da pujança hormonal um excelente coadjuvante, começa gradativamente a declinar e com o passar do tempo irá paulatinamente se extinguir.

Esse processo que pode ser vivenciado como uma perda, pode ser um ganho com o ressurgimento das pulsões parciais retomando sua autonomia e incrementando a sensibilidade da zonas erógenas, agora que insubordinadas, podem ganhar mais espaço na cena erótica.

Lembremos que Freud entendia que na dinâmica das pulsões sexuais a “libido”, é composto de instintos parciais em que pode novamente decompor-se e que só gradualmente se juntam em organizações definidas.” (Freud, 1923, p.288)

E acrescenta que: “O assim chamado instinto sexual era bastante composto e podia novamente se decompor em seus instintos parciais. Cada instinto parcial era invariavelmente caracterizado por sua fonte, ou seja, a região ou zona do corpo da qual obtinha excitação.”

Entendemos que na maturidade com o advento da Fase Pós-Genital é exatamente isso que acontece quando há o retorno ao polimorfismo; as zonas erógenas até então secundárias, voltam a ter autonomia de prazer. Inicialmente utilizadas como um meio para um fim, passam a ser um fim em si mesmas, pois cada parte do corpo voltará a ser fonte de prazer erógeno. Não utilizar-se da inscrições pretéritas e da memória para condensar o registro do prazer infantil, unindo-o às experiências do tempo da genitalidade. O corpo e a pele podem ser mais erógenos, as sensações

táteis e as carícias se intensificam - a sensorialidade se diversifica, usando os recursos da fase oral, anal e fálica. O corpo maduro responderá as excitações e se inflamará de desejo, pois somam-se os investimentos libidinais das fases pré-genitais e genitais para compor a Pós Genitalidade, sem que o coito seja o fim último.

Acreditamos que o infantilismo da sexualidade poderá vir à tona, sem constrangimento maior, graças a um afrouxamento maior da repressão. Afinal o adulto maduro, já se distanciou dos conflitos incestuosos e parricidas, já criou seus filhos e distanciou-se dos seus desejos filicidas, se teve vínculos amorosos e ternos com parceiros, imaginamos que pode distanciar-se da ambivalência ligada ao desejo simbiótico e de incorporação oral e anal das imagos parentais.

Dessa forma, se houver um equilíbrio emocional razoável e a ausência de doenças nervosas, o adulto maduro estará apto a encontra-se com o prazer das zonas erógenas, sem culpa e sem temor de transgredir qualquer princípio normatizador e lançar-se a polimorfia dos sentidos e da sensualidade.

Minha clínica prova a veracidade desses achados teóricos. São inúmeros os pacientes adultos que se separam e se divorciam tendo mais de 50, 60 até mesmo mais de 70 anos, porque se descobrem desconfortáveis em suas relações ou casamentos, muitos dos quais já tendo chegado as Bodas de Ouro. Outros assumem sua homossexualidade, outros ao enviuvar experimentam uma gama de vivências eróticas jamais experienciadas, muitas delas autoeróticas com a redescoberta da sensualidade do corpo retomando exercícios e o prazer com a dança. A sobra pulsional da disjunção da primazia do genital incrementa o impulso epistemofílico, aumenta a curiosidade e promove a retomada de projetos abandonados, bem como novos investimentos na cultura. O adulto maduro, utilizando-se muitas vezes do ócio criativo, inova e aumenta sua produção intelectual e criatividade, assumindo seu estilo pessoal.

As experiências da vida, a confiança advinda das histórias de êxito e das possibilidades de superar fracassos, aumentam a segurança para enfrentar o imponderável e as possibilidades desse desconhecido familiar que remonta as descobertas sensoriais da primeira infância.

O adulto maduro polimorfo pleno, corpo erógeno desenvolvido, é aquele que enfrentou as perdas e os lutos oriundos do processo de envelhecimento e pode usufruir dos investimentos do Narcisismo Senescente, um terceiro movimento libidinal que postulamos e que fala da necessária introversão da libido para que um novo mapeamento da personalidade seja realizado, compatibilizando as percepções e registros vinculados a sua autoimagem juvenil com os registros perceptivos de si como adulto maduro.

São aqueles que superaram os lutos e os sintomas da Síndrome Normal da Adulter Madura, que enfrentaram os momentos de despersonalização, desrealização, dissociação e isolamento, e que, através dessa introversão da libido, nesse novo movimento terciário da libido narcisista do Eu, conseguiram reinvestir as novas representações do si mesmo. Assim,

as mudanças exigidas são propiciadas pelo narcisismo senescente que promove a manutenção da autoestima frente as modificações das capacidades físicas e limites corporais, permite a elaboração adequada dos lutos diante das perdas vividas; permite a conservação de um sentido de identidade, de continuidade e significado pessoal, incremento da capacidade criativa e percepção adequada de suas necessidades sexuais e de sua sensualidade.

A Pós Genitalidade e o Retorno ao Polimorfismo são vicissitudes do envelhecimento e o envelhecimento só será traumático se o trabalho de luto diante das perdas vividas não for realizado, pois, acreditamos que a libido, o desejo, bem como o inconsciente, não envelhecem, o que envelhece é o nosso corpo. Acreditamos que a fusão pulsional poderá garantir a vitória de Eros até que chegue o fim.

Referências bibliográficas

ANDRÉ, S. Nascimento da Sexualidade Humana In: Sexualidade. Porto Alegre: Evangraf, 2016.

FREUD, S. (1908) Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna In: Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago (Edição Standart Brasileira, 9)

_____ (1916a) A vida sexual dos seres humanos (Conferência XX). In: Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago (Edição Standart Brasileira, 16)

_____ (1916b) O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais (Conferência XXI). In: Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago (Edição Standart Brasileira, 16)

_____ (1923) Psicanálise e teoria da libido – Dois verbetes para um dicionário de sexologia. In: Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____ (1930) O mal-estar da civilização. In: Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago (Edição Standart Brasileira, 18)